

# OXIGÊNIO

ABRIL, 2021

o

NÚMERO 20



TERRA  
DOS  
KUNAS,  
uma das  
maiores  
nações  
indígenas  
das  
Américas

O

## EDITORIAL

As águas de março já fecharam o verão (embora ele ainda não tenha percebido!) e o outono traz muitas propostas para curtir o friozinho. Desde as bodas de esmeralda da cachaça Seleta até uma extensa programação online e presencial.

É o caso do *Itaú Cultural SP* que apresenta o projeto de atendimento educativo voltado para todos os públicos e instituições; e também do *Corpo Rastreado* com suas obras interventivas.

Ainda apresentamos a Terra dos Kunas, arquipélago com 365 ilhas, chamado San Blas, no lado caribenho do Panamá. Um verdadeiro paraíso idílico que abriga uma das maiores nações indígenas das Américas.

No Pé Vermelho – espaço de formação, produção e promoção de artes – localizado na histórica Planaltina, cidade da periferia de Brasília, encontramos os “*Ninhos*” de Dona Severina, obra exemplar de diálogo harmonioso entre artesanato e a arte.

Em meio ao fogo, encontramos fagulhas no mosteiro *zen* em Vitória/ES e no livro de Marco Brotto, a aurora boreal.

E saiba tudo sobre o podcast que reúne depoimentos espontâneos, histórias pessoais da pandemia do coronavírus pelo mundo.

Boa leitura!

# O ÍNDICE

04

**OXIGENE:** *Fagulha perdida em meio ao fogo*, o hiato poético de Rodriguez Remor | Dia 25 o público saberá se o maior nomeado do Oscar 2021, *Mank*, conquista as dez indicações recebidas | Itaú Cultural SP com extensa lista de atividades de experiência virtual

12

**TURISMO:** San Blas, Terra dos Kunas – ilhas desertas e baías de águas cristalinas no Panamá

19

**ARTE CONTEMPORÂNEA | ARTE POPULAR:** Os *Ninhos* de Dona Severina

24

**FOTOGRAFIA:** Aurora Boreal desvendada em livro de Marco Brotto

27

**BEBIDAS:** Cachaceiros de excelência, sim senhor!

30

**TEATRO | DANÇA:** *Corpo Rastreado* realiza este mês duas obras online e uma online e presencial

32

**DIRETO DE LONDRES:** Vozes de um tempo único

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

Colaboradores: Antonella Kann e Pé Vermelho

Colaboração especial: Daiana Castilho Dias e Maurette Brandt

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | [oxigeniorevistabr@gmail.com](mailto:oxigeniorevistabr@gmail.com) | [www.oxigeniorevista.com](http://www.oxigeniorevista.com)

ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.



*Fagulha  
Perdida  
em Meio  
ao Fogo,  
o hiato  
poético de  
Rodríguez  
Remor*

*Impermanência*

Foto: Patrícia Sales

*Na OÁ Galeria, em Vitória-ES, a nova exposição do duo Rodríguez Remor (Denis Rodríguez e Leonardo Remor) apresenta fotografias, pinturas, desenhos e três instalações, sendo uma participativa. A maior parte dos trabalhos foi realizada durante uma residência no Mosteiro Zen Morro da Vargem/ES.*



À esquerda, *Buda Morro da Vargem*;  
à direita, *Eterno presente grande*

Fotos: Patrícia Sales



O processo teve início em fevereiro, quando os artistas participaram da segunda edição do programa de residências *Entre Nós*. Concebido pela curadora Clara Sampaio e realizado em parceria com a OÁ Galeria e o Mosteiro, o projeto tem produção executiva de Mirella Schena e está sendo realizado com recursos da Lei Aldir Blanc, via edital de Artes Integradas 2020.

Entre práticas diárias de *zazen* e o silêncio da Mata Atlântica, a dupla Rodriguez Remor trabalhou com os materiais disponíveis no mosteiro, sobretudo com as velas. Ambos afirmam que elas nos conectam com a poesia do presente e a impermanência do instante.

Com esse material, que é quase um sinônimo de espiritualidade, produziram pinturas.

A repetição, a não dualidade, a atitude de não deixar rastros, a renúncia à ideia de produzir coisas especiais, ou seja, a concentração no nada especial, todos preceitos *zen* budistas podem ser percebidos nas obras. O aforismo “*Tempo sem começo, futuro sem fim*” oferece nova perspectiva para a interpretação da série de fotografias *Eterno Presente*. Desde 2015, na região da Chapada Diamantina, os artistas documentam pinturas rupestres, ainda não mapeadas pelo IPHAN. A série explora o potencial tridimensional desses murais ancestrais, mantendo a fotografia como suporte.

A tensão entre fotografia e cerâmica resulta na instalação *Exploding Galaxies*. Na série fotográfica *Pequenas Práticas*, a dupla realiza pequenas intervenções em ambientes naturais, alterando escalas e a leitura visual das imagens. A partir dessas fotografias, nasceram as esculturas pretas e brancas, produzidas na escola de cerâmica do mosteiro zen. Uma homenagem ao artista filipino David Medalla, falecido recentemente.

*Fagulha Perdida em Meio ao Fogo* é um hiato poético, um instante meditativo em meio ao fogo cruzado de



informações falsas e algoritmos selvagens, em um contexto de fratura social e polarizações políticas, de crescente esquizofrenia, resultado de mundo de isolamento e pandemia por tempo prolongado.

### SERVIÇO:

#### *Fagulha Perdida em Meio ao Fogo*

De 8 de abril à 8 de junho

Local: OÁ Galeria

Av. Cesar Hilal, 180, Bento Ferreira, Vitória/ES

Uso obrigatório de máscara

Visita com agendamento prévio de segunda a sexta, das 10 às 19 horas

Contatos:

[contato@oagaleria.com.br](mailto:contato@oagaleria.com.br) / (27) 99944-5001

Ao lado: *Rastros de luz*

Abaixo: *Fogo no mar*

Fotos: Patrícia Sales





Still do trailer oficial

# Dia 25 o público saberá se *Mank*, o maior nomeado do Oscar 2021, irá conquistar as 10 indicações recebidas

*O novo filme do aclamado cineasta David Fincher para a Netflix acompanha a jornada do roteirista alcoólatra e crítico social Herman J. Mankiewicz (Gary Oldman), enquanto ele corre contra o tempo para terminar o roteiro de "Cidadão Kane" para Orson Wells (Tom Burke)*

O longa foi indicado nas categorias de *Melhor Filme*, *Melhor Direção* para David Fincher, *Melhor Ator* para Gary Oldman, *Melhor Atriz Coadjuvante* para Amanda Seyfried, *Melhor Figurino*, *Melhor Design de Produção*, *Melhor Fotografia*, *Melhor Maquiagem & Cabelo*, *Melhor Som* e *Melhor Trilha Sonora*.

Fincher é conhecido especialmente pelos seus trabalhos com temáticas *thriller*, como *Seven* (1995), *Fight Club* (1999), *Panic Room* (2002), *Zodiac* (2007), *The Girl with the Dragon Tattoo* (2011) e *Gone Girl* (2014). O diretor também dirigiu filmes de outros gêneros: *The Curious Case of Benjamin Button* (2008) e *The Social*

*Network* (2010). Além disso criou algumas séries renomeadas para a Netflix como *House of Cards* (2013-2018) e *Mindhunter* (2017-presente).

O filme se passa em Hollywood durante os anos 1930 e 1940. Segundo a crítica do site *Adoro Cinema*, “*Mank* é um dos filmes mais autorais e intimistas do diretor David Fincher. (...) Mas não é porque foi filmado em preto e branco, possui som mono ou custou cerca de 30 milhões de dólares que a produção não é capaz de garantir um forte impacto no espectador. Afinal, a revisita de Fincher à Era de Ouro em Hollywood e ao processo de criação de *Cidadão Kane*, um dos maiores



Foto: Netflix / Divulgação



*clássicos de todos os tempos, não se limita ao que aquele determinado período representa no imaginário de quem trabalha na área ou é fã de cinema. Entre um e outro fade in/out há muito o que se observar em uma obra que não possui um grande clímax, mas que distribui grandes momentos em diálogos pontuais (...).”*

### **SOBRE “CIDADÃO KANE”**

*Cidadão Kane: O Mundo a Seus Pés* é um filme norte-americano de 1941, dirigido, escrito, produzido e estrelado por Orson Welles. O filme é considerado uma das obras-primas da história do cinema, sendo apontado por muitos críticos como o maior filme já produzido.

O longa é, supostamente, baseado na vida do magnata do jornalismo William Randolph Hearst (publicamente, Welles negava), e conta a história de Charles Foster Kane, um menino pobre que acaba se tornando um dos homens mais ricos do mundo.

A maioria dos filmes indicados ao Oscar 2021 está disponível na Netflix, Prime Vídeo e Globoplay.

## **ALGUNS DOS FILMES INDICADOS**

### **AO OSCAR 2021 (em ordem alfabética)**

Bela vingança

Judas e o messias negro

Mank

Meu pai

Minari

Nomadland

Os 7 de Chicago

O som do silêncio



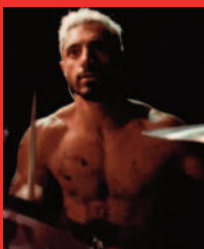
À esquerda, Bela vingança; à direita, Judas, e o messias negro



À esquerda, Mank; à direita: Meu pai



À esquerda, Minari; à direita, Nomadland



À esquerda, Os 7 de Chigado; à direita, O som do silêncio

# Itaú Cultural SP com extensa lista de atividades de experiência virtual

*Projeto de atendimento educativo do Itaú Cultural (IC) é realizado em plataformas on-line. Voltado para todos os públicos e instituições, os encontros são coordenados pelos educadores do IC, que apresentam artistas e obras, propondo conversas, dinâmicas ou atividades interativas*

## EXPERIÊNCIAS BRASILIANAS

A *Coleção brasileira Itaú* possui obras que contam a história do Brasil, com registros produzidos ao longo de cinco séculos, como gravuras, livros e moedas. As *Experiências brasileiras* fazem recortes dessa vasta coleção propondo temas para dialogar com o público.

### EXPERIÊNCIA BRASILIANA: PRODUÇÃO EUROPEIA E VISÃO INDÍGENA



Jean-Baptiste Debret,  
*Guerreiro indígena  
à cavalo*  
Foto: Domínio público

Sábado, dia 3 – 16h

Sexta, dia 9 – 14h30

Duração aproximada: 60 minutos

40 vagas por dia

Livre para todos os públicos

### EXPERIÊNCIA BRASILIANA: ARTISTAS VIAJANTES

Domingo, dia 11 – 11h

Sábado, dia 17 – 11h

Duração aproximada: 60 minutos

40 vagas por dia

Livre para todos os públicos

### EXPERIÊNCIA BRASILIANA: DIÁLOGOS ENTRE ARTE E CIÊNCIA

Domingo, dia 18 – 16h

Sábado, dia 24 – 16h

Domingo, dia 25 – 11h

Duração aproximada: 60 minutos

40 vagas por dia

Livre para todos os públicos

## OBRAS E PROCESSOS DE BEATRIZ MILHAZES

Sábado, dia 3 – 11h

Domingo, dia 4 – 16h

Sábado, dia 10 – 16h

Sexta, dia 16 – 14h30

Domingo, 18 – 11h

Sábado, dia 24 – 11h

Duração aproximada: 60 minutos

40 vagas por dia

Livre para todos os públicos



Beatriz Milhazes, *O Buda*  
Foto: Manuel Águas & Pepe Schettino

## A ARTE DE CHIQUINHA GONZAGA

### EXPERIÊNCIAS OCUPAÇÃO CHIQUINHA GONZAGA

A *Ocupação Chiquinha Gonzaga* celebra a vida e a carreira da compositora e maestrina, famosa por diversos sucessos, entre eles a marchinha “Ó abre alas”. Nas Experiências virtuais sobre Chiquinha, o público é convidado a conhecer a importância da artista para o

universo da música brasileira e o contexto sociopolítico em que ela vivia.

Sábado, dia 4 – 11h

Sábado, dia 10 – 11h

Domingo, dia 11 – 16h

Sábado, dia 17 – 16h

Domingo, dia 25 – 16h

Sexta, dia 30 – 14h30

Duração aproximada: 60 minutos

40 vagas por dia

Livre para todos os públicos

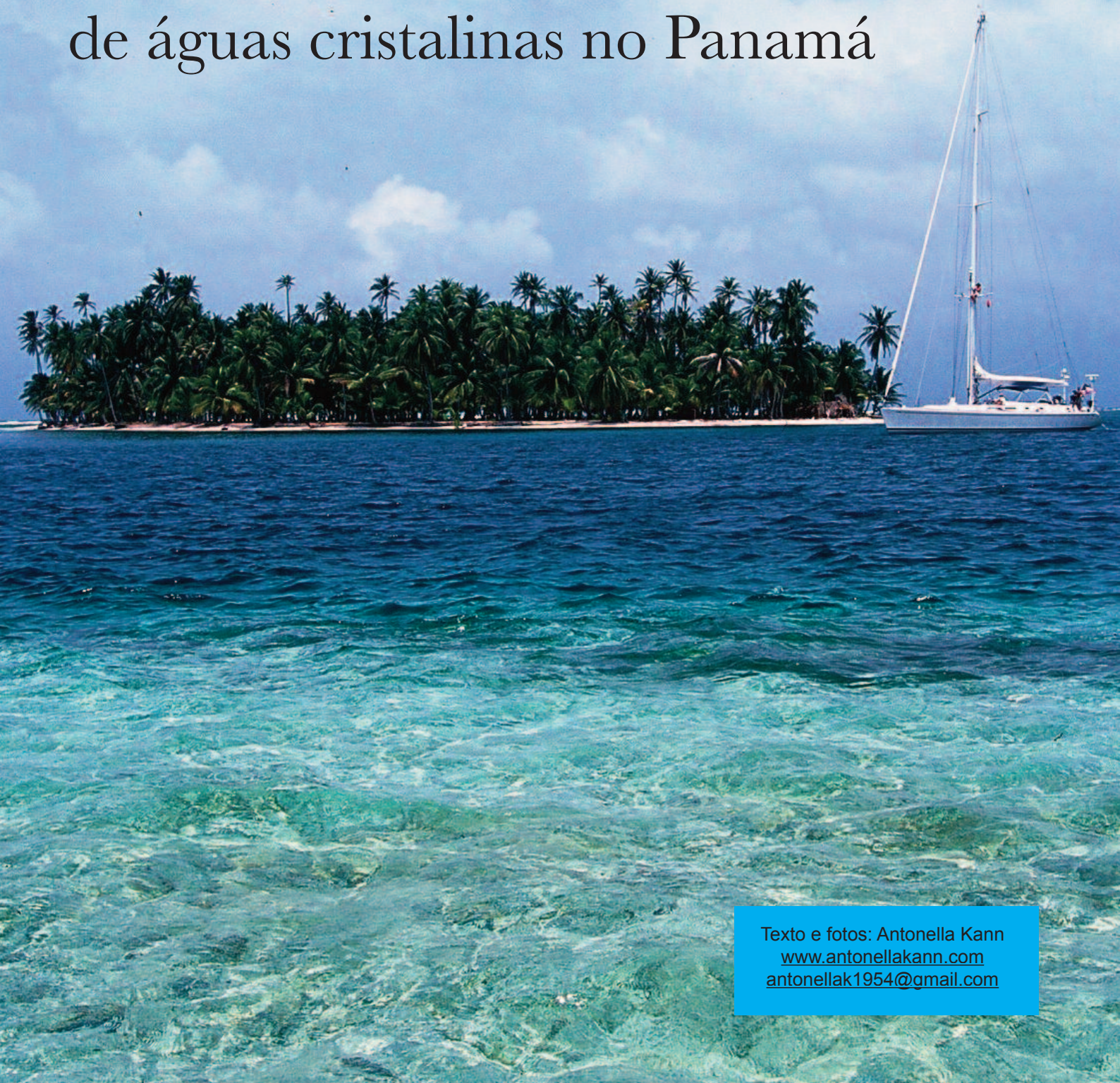
Mais informações em:

<https://www.itaucultural.org.br/secoes/visitas/experienca-virtual-veja-lista-atividades-abril>



Chiquinha Gonzaga,  
autor desconhecido  
Foto: Domínio público

# SAN BLAS, TERRA DOS KUNAS: ilhas desertas e baías de águas cristalinas no Panamá



Texto e fotos: Antonella Kann  
[www.antonellakann.com](http://www.antonellakann.com)  
[antonellak1954@gmail.com](mailto:antonellak1954@gmail.com)

*Taiti!? É, parece mesmo. Mas não é. Este cenário idílico é de um arquipélago chamado San Blas, situado do lado caribenho do Panamá, e possivelmente um dos últimos redutos no universo que ainda consegue manter um certo anonimato por ser de difícil acesso*

O arquipélago é formado por 365 ilhas, ilhotas e motus, dos quais apenas 50 são habitados e os outros praticamente desertos, rodeados por águas transparentes, faixas de areia branca cravejadas de conchas e sempre ornamentados por um denso coqueiral. Aliás, o coco já representou a grande riqueza desta região paradisíaca e também conhecida como *Kuna Yala* (ou *Guna Yala*), o que, no linguajar local, significa “*terra dos Kunas*”, uma comunidade de 50 mil índios que compõem uma das maiores nações indígenas das Américas.

Embora os vilarejos mais representativos tenham até dois mil habitantes, a maior parte das ilhas é ocupada por apenas uma ou duas famílias. A lei *Kuna* estabelece que a terra pertence a todos, o que preveniu a divisão do povo entre os que têm posses e os desprovidos.

Cada ilha tem uma função, e as atividades em comum são a pesca, plantação de coco e, de uma forma bastante peculiar, o turismo. Neste quesito,





San Blas ainda está – felizmente! – a salvo do assédio turístico em massa, porque somente pequenos bimotores, oriundos do continente próximo, conseguem aterrissar nas cinco tirinhas de pouso espalhadas pela imensidão deste arquipélago. E, para completar, não conte com qualquer estrutura hoteleira, pois os índios refugam desde sempre todo empreendimento estrangeiro em seu território. Em contrapartida, oferecem opções de hospedagem próprias, porém totalmente rudimentares e de mínimas proporções.

Quer mais? O único meio de se locomover de uma ilha para a outra é marítimo, e não existe nada convencional além do transporte *à la Kuna*, leia-se canoas extremamente rústicas. Embora os Kunas sejam exímios manejadores de vela e remo, traçar um itinerário para explorar os recantos preciosos do arquipélago deve ser organizado através de empresas especializadas em

operar *charters* de veleiros e catamarãs pela região. Em resumo, San Blas é um destino para ser vivenciado com pompa, a bordo de luxuosas e confortáveis embarcações arrendadas e, de preferência, tripuladas por um *skipper* experiente. Mas navegar por este mar translúcido e se render às delícias da vida a bordo é um privilégio e uma oportunidade única para viajantes que buscam explorar um ambiente onde a natureza permanece intocada, em seu estado mais puro.

Até uma década atrás, era possível desembarcar ou atracar em qualquer ilha sem que houvesse qualquer exigência ou restrição por parte dos proprietários, ausentes na maior parte do tempo. Na realidade, são apenas alguns vestígios – como uma cabana fechada ou as cinzas de uma fogueira – que indicam que aquele pedacinho de terra pertence, de fato, a uma família Kuna, mesmo que não se encontre ninguém à vista.



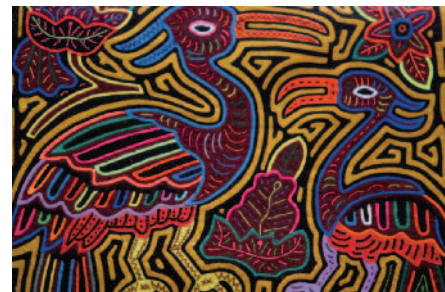
Com o decorrer dos anos, os índios estabeleceram uma espécie de pedágio para quem quisesse perambular na "sua" praia, ou vilarejo, e hoje em dia cobram até mesmo para jogar âncora. Sendo assim, nas ilhas mais reputadas (e portanto mais procuradas pelos punhados de turistas) como a *Coco Beach* ou *Petit Coco*, foram estabelecidas algumas "taxas". Começando pelo simples desembarque até o aluguel de uma bola para brincar na areia.

Alguns índios assumiram o papel de "empresários" e até vendem refrigerantes e cerveja. Curiosamente, apesar do farto coqueiral, o coco é praticamente impossível

de ser adquirido. Se por ventura você encontrar algum fruto caído, em qualquer lugar que seja, jamais se aventure a pegá-lo, pois ele representa até hoje a moeda de troca na cultura Kuna Yala. Transgredir esta regra de ouro pode trazer consequências e represálias para futuros visitantes. Afinal, quem manda no território são os índios, exclusivamente.

É também corriqueiro ver os trabalhos de artesanato expostos em varais próximos às ocas para atrair os fregueses. São as reputadas e exclusivas *molos*, lindos apliques coloridos representando animais silvestres





típicos da fauna panamenha, aves e desenhos geométricos. Cobiçadas pelos estrangeiros por serem altamente decorativas, as *molas* são costuradas à mão, confeccionadas apenas pelas mulheres, e representam uma boa fonte de renda para toda a família. Cotadas entre U\$ 5 e U\$ 70, estas obras de arte variam de preço conforme o tamanho, os detalhes do desenho e do talento de quem as confecciona. A fama das *molas* extrapolou os limites do arquipélago por fazer parte da excêntrica indumentária feminina.

Além da magnífica paisagem, a cultura do povo local também merece destaque. Praticamente isolados no seu universo paradi-

síaco, os Kunas simbolizam uma sociedade autônoma, tanto política como socialmente, e conservam as suas tradições segundo costumes milenares.

Os trajes das mulheres são espalhafatosos: os adornos são pulseiras quilométricas de contas e miçangas coloridas que serpenteiam em torno dos tornozelos, pulsos, antebraços e até mesmo nas batatas das pernas, até alcançar os joelhos. As anciãs ostentam um risco preto delineado na testa e que se estende até a ponta do nariz. As mais jovens borram exageradamente as bochechas com rouge. Além disso, costumam usar uma argola de ouro nas narinas. Toda Kuna se veste com





tecidos multicoloridos, enrolando um pano (*sapuret*) sobre outro na cintura, formando camadas. Enrolada na blusa, como se fosse um *corset*, há sempre uma mola, que significa “roupa” no dialeto Kuna Yala. Na cabeça, jogam um lenço vermelho, o *musue*, que usam solto, recaindo sobre os ombros.

O ideal é passar pelo menos uma semana a bordo para conseguir aproveitar e absorver a atmosfera de San Blas. Mas são tantos os motus e praias acolhedoras de tamanhos diferentes que é difícil eleger os mais idílicos. Algumas ilhotas, muitas sem identificação precisa, chamam a atenção por serem apenas um banco de areia com um único coqueiro encravado no meio. Outras são alinhavadas por belíssimos e variados tons de azul, cujo mergulho se torna irresistível. Como é viável traçar diversos itinerários, ao gosto do freguês, os *skippers* costumam escolher um punhado de ilhotas para

passar entre elas, pernoitando cada dia numa baía diferente, abrigada do vento. *Combombia*, *Petit Coco*, *Waisaladuto* e *Isla Verde* são apenas alguns nomes laureados entre dezenas de outras preciosidades.

Mas não conte com restaurantes, *coffeshops* ou bares para petiscar especialidades regionais. Nada disso existe no arquipélago. No entanto, o mar piscoso recompensa qualquer pescador – amador ou profissional – com centojas (caranguejo) gigantes e lagostas suculentas. Para degustar estas delícias do mar de San Blas, nada melhor do que seu capitão providenciar as iguarias em algum vilarejo Kuna, ou simplesmente aguardar que um índio timoneando uma *uru* – típica canoa indígena – encoste no seu barco e ofereça de tudo por um preço ínfimo. Depois é só esperar que a sua prezada *hostess* as prepare para servi-las no jantar ou no almoço, do jeitinho que você quiser.





### SERVIÇO:

O primeiro passo da viagem é chegar até o Panamá. O tempo médio de viagem é de apenas cinco horas e o destino é o Aeroporto Internacional de Tocumen, na capital Cidade do Panamá. O ideal, para quem chega ao país a caminho de San Blas, é permanecer ao menos uma noite na capital. A recomendação se deve ao fato de as viagens para San Blas partirem bem no começo da manhã (entre 5h e 6h), ou seja, você já precisará estar na cidade para pegar o transporte.

Outra possibilidade é voar para um dos pequenos “aeroportos” do *Arquipélago – Porvenir* é um deles – em aviões pequenos bimotores que fazem a rota saindo da Cidade do Panamá.

### CHARTER DE BARCOS

São poucas as companhias de *charter* que operam no arquipélago de San Blas. Quem aluga um veleiro ou catamarã precisa também pensar em contratar uma *hostess* além do *skipper*, pois estes profissionais conhecem o território e os costumes locais e tornam o cruzeiro seguro e muito agradável. Como não há ancoradouros, os pernoites são feitos em baías abrigadas do vento, próximo a ilhas desertas. Todos os *charters* incluem as refeições, as bebidas e os esportes náuticos, como *stand-up*, surfe e *snorkel*, e as embarcações estão

providas com os equipamentos necessários. As diárias são cobradas por pessoa, com oscilações entre a alta temporada (dezembro a março) e baixa (outubro a dezembro). Os catamarãs mais luxuosos acomodam até oito passageiros e oferecem conforto extremo em cabines com banheiro privativo.

[www.sanblsassailing.com](http://www.sanblsassailing.com)

[www.sail2you.com](http://www.sail2you.com)

[www.dreamyachtcharter.com](http://www.dreamyachtcharter.com)

### HOSPEDAGEM

Uma das coisas menos evidentes é a infraestrutura hoteleira de San Blas. Na realidade, a hospedagem no arquipélago se resume a dois ou três albergues espalhados entre motus e vilarejos Kunas. São eles que administram esses estabelecimentos, todos extremamente rústicos. O ecológico *Kuanidup Island Lodge* ([www.kuanidup.com](http://www.kuanidup.com)) é a típica acomodação local, com cabanas sem ar condicionado, areia no chão e camas de madeira rudimentar. Água quente nem pensar. Ideal para espíritos aventureiros, porém longe de adequado para mochileiros, porque ainda por cima são caros... A diária por pessoa, com três refeições e traslado desde Carti começa em U\$199. Outro hotel, dito como mais confortável da região, é o *Yandup Lodge*, em *Playon Chico*, que oferece chalés tradicionais com telhado de palha. [www.yandupisland.com](http://www.yandupisland.com)

# OS NINHOS DE DONA SEVERINA



Texto Pé Vermelho\*



Fotos: Pé Vermelho

Dona Severina é uma artista de 81 anos que nasceu no interior do Rio Grande do Norte e radicou-se em Planaltina, cidade da periferia de Brasília. Desde os cinco anos de idade, a artista realiza esculturas com materiais considerados descartáveis, transformando-os em uma grande diversidade de bichos a partir de técnicas próprias ricas em detalhes e engenhosidade.

Recentemente, o *Pé Vermelho\** recebeu um convite da galeria *deCurators\** para integrar o projeto *“obrazilnãõ conheceobrasil”*.

O convite foi um estímulo para pensarmos um trabalho coletivo que não se centrasse nas nossas produções como artistas, mas que se estendesse a outra artista com uma ampla trajetória e pouca visibilidade dentro do circuito local da arte contemporânea. Desse modo, nosso grupo realizou a instalação *“Ninhos”* em parceria com Dona Severina.

Durante a produção foi inevitável nos questionarmos como seria apresentar o trabalho dessa artista há dez anos atrás, antes da revisão que observamos acontecer

nas relações de valor simbólico na arte contemporânea. Quais implicações envolvem hoje o deslocamento geográfico e institucional do trabalho da artista, do espaço das feiras e ruas onde ela comercializa seu trabalho para o espaço da galeria?

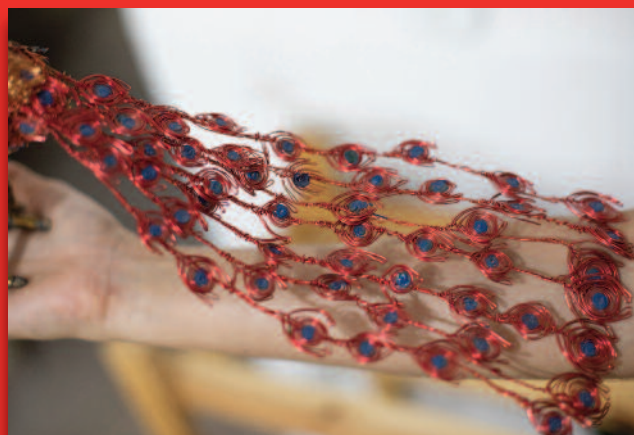
Segundo o artista Shevan Lopes, único integrante do grupo que também atua como artesão, é a ação curatorial que realiza essa convergência entre as categorias “artesanato” e “arte” na situação criada pelo grupo para apresentar o trabalho de Dona Severina. Até que ponto essas categorias estão sujeitas a sistemas e expectativas diferentes e se mantêm “dentro” de seus campos sociais de validação institucional? É possível refletir sobre essa distinção a partir de uma especificidade no próprio ofício ou produto?

Partindo do mesmo princípio de apresentar a produção da artista Severina, decidimos trazer aqui trechos de uma entrevista com ela sobre as mesmas questões. (<https://vimeo.com/526147814/408a5a2f39>)

### TRECHOS DA ENTREVISTA

#### Como você aprendeu a fazer o seu trabalho?

Antigamente tinha esses cartuchos de pólvora para espingarda bate-bucha, não sei se vocês conhecem. Aí então eu olhava aquele desenho do elefantinho e fazia ele de cera (abelha jandaíra). Fazia o ratinho, às vezes um gatinho com o ratinho na boca. Pequenininho, entendeu? Aí mamãe dizia: “*essa daí quando crescer vai ser artista*”. Eu sabia lá o que era isso, eu com cinco para seis aninhos. (risos) Eu não sabia de nada não.





Fotos: Mateus Lucena

### O que é arte?

Arte para mim é.. sei nem o que pensar, sei nem o que dizer. (risos). É porque eu não levo muito a sério, en-



tendeu? Eu faço isso tudo mas eu não levo a sério que nem os outros. Eu faço por acaso, mas não me importa nem tanto. Às vezes eu fico ligada assim e digo “*quer saber uma coisa? Eu vou deixar isso de lado.*”

### Que diferença você vê entre arte e artesanato?

Olha... comparando acho que é igual, né? Porque artesanato... o povo diz: você é artesã? E eu digo: sou.

Então quem mexe com isso é tudo artesanato. Não sei distinguir qual é.

**Qual foi sua experiência ao ver o trabalho montado na vitrine da *deCurators*, o que achou de trabalhar com o *Pé Vermelho*?**

Eu achei que de alguma forma teve um significado bom. Eu gostei da montagem, eu achei bonito.. É que eu não sei trabalhar com esse negócio.

**Qual é a importância do artesanato e da arte?**

É para quem gosta, porque tem gente que não gosta. E para quem faz é para ganhar um trocadinho. É um trabalho que é importante que seja assim.

**O que é uma coisa bonita?**

É por acaso: os trabalhos que eu faço eu não gosto, eu não acho bonito. Agora quando eu vejo o dos outros, eu acho. Qualquer trabalho (...) Quando eu vejo o dos outros fico “Ave Maria que coisa linda” e eu não sei fazer o dos outros.

**Mas os outros não sabem fazer o seu, também...**

É... aí eu acho que é a conta e a receita, né?

**Os trabalhos que a senhora faz influenciaram a sua família, seus familiares, seus filhos, seus netos a serem artistas?**

Ah, eu não sei. Eu acho que isso já vem da minha família, na família do meu pai eram todos inteligentes (...) Porque todo mundo trabalha, mas não tem aquela inteligência de: “*ah vou fazer isso sei fazer isso*” aí não dá.

**Então fazer arte tem a ver com inteligência?**

Tem. Eu acho que tem, você não acha? Pois é. Aí vamos em frente até o final né, até enquanto eu puder.

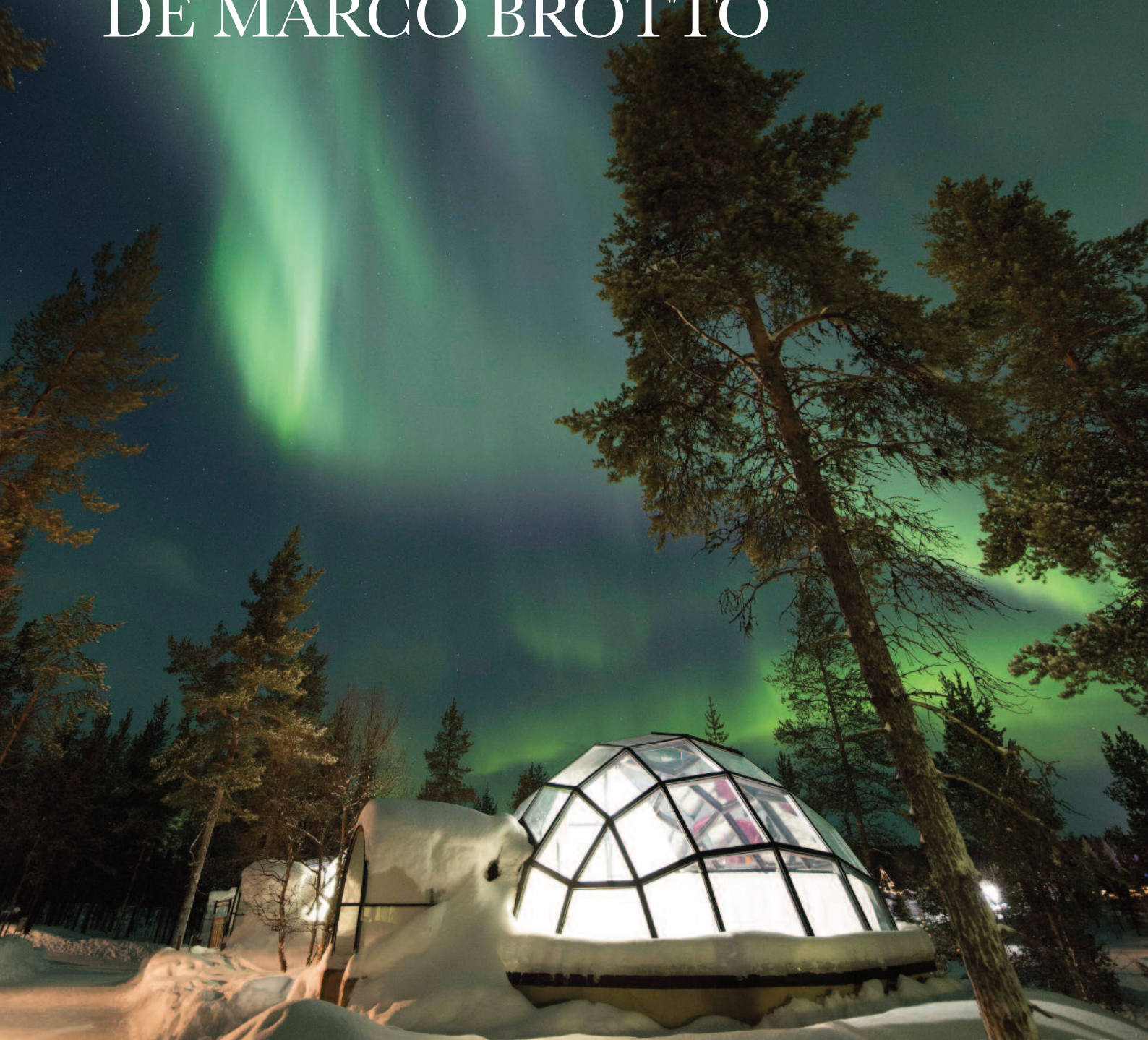
\* O *Pé Vermelho* é um espaço de formação, produção e promoção de artes, com foco na produção de artistas não-sudestinos e cerratenses, localizado na histórica Planaltina, cidade da periferia de Brasília. Atualmente os artistas responsáveis por conduzir as atividades e que ocupam os ateliês do espaço são João Angelini, Luciana Paiva, Marcela Campos, Rafael da Escóssia, Raissa Studart e Shevan Lopes.

A *deCurators* é um espaço de arte contemporânea criado em 2014 por Gisel Carriconde Azevedo, pensado como uma vitrine para exercícios de microcuradoria em Brasília-DF. O projeto “*obrazilnãonheceobrasil*” foi viabilizado com recursos da Lei Aldir Blanc para ocupação dessa vitrine durante o verão.

Foto: Pé Vermelho



AURORA BOREAL  
DESVENDADA EM LIVRO  
DE MARCO BROTTTO





“O Caçador de Aurora Boreal: amor em forma de luzes e cores” é o título da obra do brasileiro Marco Brotto, reconhecido mundialmente por suas expedições. O livro comemora os dez anos de viagens do autor em busca de um dos fenômenos mais bonitos e intrigantes da natureza



Registros das 82 viagens de Brotto pelos países do Círculo Polar Ártico compõem as 220 páginas da publicação, simbolizando sua incrível taxa de sucesso em encontrar a Aurora em 100% das viagens. Uma inspiração para os que sonham em ver de perto esse acontecimento.

O livro tem prefácio de Alberto Andrich, fundador e CEO da *World Adventure Society*, e citações de fotógrafos renomados como Luciano Candisani, da revista *National Geographic*, e Cristiano Xavier.

*"Meu desejo foi colocar no papel a verdadeira imagem da Aurora Boreal, por isso as fotos, com poucas edições, se aproximam muito da realidade. Até mesmo porque*

*transmitir luz para o papel é muito difícil. Quem ainda não teve a experiência da Aurora vai adorar; quem já teve poderá reviver momentos mágicos e inesquecíveis", conta Brotto.*

A decisão de se tornar um caçador de Aurora Boreal aconteceu logo na primeira vez que o autor viu as Luzes do Norte e decidiu largar a vida estável de empresário para compartilhar toda essa energia com outras pessoas por meio das expedições.

*"Guiar pessoas em busca dos seus sonhos é meu propósito de vida", afirma Brotto. Os seus registros fotográficos também ilustram páginas de publicações do*

mundo todo: revista *Veja*, *Digital Photographer* e edições internacionais da *National Geographic* Itália, Espanha, Japão, Taiwan e Hong Kong são alguns exemplos.

*"Essas fotografias trazem muitas histórias. Em muitas delas eu estava acompanhado de pessoas que choravam de emoção diante do manto de luzes que nos cobria ou da dança frenética da Dama da Noite. Para mim não importa a força e dimensão da Aurora, ela sempre me encanta e emociona"* – esclarece Marco Brotto.

Somam-se às fotos do livro algumas referências relacionadas ao cosmos e a energia, além de depoimentos de pessoas que já presenciaram o fenômeno por meio das expedições organizadas pelo Caçador de Aurora Boreal.

### **SOBRE MARCO BROTTTO**

Nascido em Curitiba, o *Caçador de Aurora Boreal* é também empresário e fotógrafo autodidata. Encontrando Auroras desde 2011, aprimorou sua experiência e desenvolveu um amor crescente pelo fenômeno. Como as buscas são muito difíceis, Brotto se especializou em ajudar pessoas a encontrar o fenômeno, através de expedições guiadas, seja na Islândia, na tríplice fronteira entre a Suécia, Finlândia e Noruega ou no Alasca.

Mais informações em [auroraboreal.com.br](http://auroraboreal.com.br)



De cima para baixo: Noruega, Março de 2019  
Ilhas Foroe, Abril de 2015  
Alasca, Abril de 2019

Fotos: Marco Brotto

# CACHACEIROS DE EXCELÊNCIA, SIM SENHOR!

*Uma das mais prestigiadas cachaças do país lança edição especial para comemorar sua trajetória de quatro décadas*

Localizada em Salinas, cidade do sertão de Minas Gerais, a Seleta é conhecida como a maior produtora de cachaça artesanal do Brasil. Para celebrar suas bodas de esmeralda com os apreciadores da bebida, a edição comemorativa tem rótulo dourado – semelhante à cor da cachaça.

*Quarentamos! É uma data muito especial, pois não é qualquer marca que atinge essa idade com o reconhecimento que a Seleta tem. Pensamos em uma forma de compartilhar a comemoração com quem nos trouxe até aqui, agradecendo aos nossos clientes e consumidores, por isso pensamos em um rótulo especial, revela Gilberto Luiz, diretor executivo da empresa.*

*Além disso, como parte do pacote 40 anos, lançamos recentemente a bebida mista “Seleta Eu Garanto”*



*com mel e baru e repaginamos totalmente nosso site. Em breve, lançaremos nosso e-commerce, acrescenta Luiz.*

A história da Seleta começou em 1980, com a ousadia do salinense Antônio Rodrigues. Toda a produção da bebida está concentrada na Fazenda Engenho dos Rodrigues, em Salinas/MG.

O município, considerado *Capital Nacional da Cachaça*, recebeu em 2012 o selo de Indicação Geográfica do INPI pelas características do clima, solo e localização geográfica, responsáveis pela singularidade das cachaças produzidas na região.



*Still do teaser de divulgação*

## **STATUS DE BEBIDA PREMIUM**

Mundialmente conhecida como um dos principais patrimônios gastronômicos do Brasil, a cachaça hoje possui status de bebida requintada, mas não foi sempre assim.

Marginalizada por muito tempo como a bebida da classe operária, em detrimento ao whisky escocês consumido pela elite, hoje a cachaça divide as prateleiras do mundo com os mais tradicionais e famosos destilados.

Sua condição de bebida democrática e o prestígio que hoje possui se deram graças ao empenho de marcas renomadas do mercado, cujo processo de produção rigoroso do início ao fim inclui ingredientes cuidadosamente selecionados.

Tudo começou quando Antônio Rodrigues decidiu mudar a percepção que as pessoas tinham sobre a bebida, mostrando que a cachaça é um destilado de excelente qualidade e que pode ser apreciado de diferentes maneiras.

Hoje, a Seleta possui mais de 100 colaboradores, e se tornou uma marca consagrada, uma bebida Premium com preço acessível, passando a ser referência no segmento, recebendo também premiações e reconhecimento em todo concurso que participa.

Entre os prêmios mais recentes, a Seleta conquistou medalha de ouro no *Concurso Vinhos e Destilados do Brasil*, *Concurso Anual e Nacional da Cachaça*, *Bebidas Mistas e Outros Destilados da Expocachaça* e no *Spirits Selection by Concours Mondial* de Bruxelas.

### MELHOR DESTILADO DE CANA DE AÇÚCAR DO MUNDO

O mais recente prêmio conquistado no concurso *International Sugarcane Spirits Awards*, onde participam as bebidas destiladas de cana de açúcar como Cachaça, Aguardente, Melaço, Xarope e Rum, atesta toda a qualidade da marca.

Além de acrescentar à sua coleção a medalha de ouro *Tasting Awards 2020*, dentre mais de 100 participantes, a Seleta teve a melhor nota da América do Sul em todas as categorias. Na categoria “*envelhecida até 3 anos*”, obteve a nota mais alta do mundo.

*“Isso demonstra nossa preocupação constante em ser referência em qualidade, oferecendo aos nossos consumidores experiências cada vez mais prazerosas. Queremos comemorar os 40 anos e garantir que os próximos 40 sejam ainda melhores...”* conclui Gilberto Luiz.

### CACHAÇA NO DEVIDO LUGAR

Com a proposta de valorizar a bebida genuinamente nacional, dando a ela o lugar devido, nasceu a *Academia da Cachaça* no Rio de Janeiro em 1985, na mesma década da Seleta. A proposta, considerada ousada à época, teve muita repercussão. No Rio e no país. Hoje o bar/restaurante é referência aqui e lá fora, colecionando reconhecimento de norte a sul e para além das nossas fronteiras.

Edméa Falcão, sócia da Academia, revela que a Seleta faz parte de sua carta de cachaças desde a década de

1980, e destaca: *“Dois dos produtos mais vendidos na Academia têm a Seleta como ingrediente principal: a caipirinha Acadêmica e a mel com limão, que também é servida junto com a felijoada”*.

Para Edméa, *“essa liderança da Seleta se explica a partir de seu aroma, seu paladar, suas diversas combinações, sua qualidade, confirmando aquilo que a nossa clientela já havia apontado, a ponto de torná-la uma das favoritas absolutas do nossa do cardápio.”*



Caipirinha Acadêmica

Foto: Berg Silva



Os Corvos  
Foto: Clarissa Lambert



O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu  
Foto: Ligia Jardim



Terremota  
Foto: Maria Clara Diniz

## *CORPO RASTREADO* REALIZA ESTE MÊS DUAS OBRAS ONLINE E UMA ONLINE E PRESENCIAL

Na dança cênica **Os Corvos**, Luis Arrieta e Luis Ferron levam para o palco uma questão latente, a morte, refletindo sobre o presente sem passado ou futuro – o presente como sentido vital e a morte como certeza final.

*“Reza a lenda que os corvos são mensageiros da morte. Quando me deparei com ela, pensar a morte deixou de ter o pesar pregado pela cultura ocidental e as suas crenças. Ao contrário, pensá-la me levou ao encontro*

## CORPO RASTREADO

da vida. Talvez os corvos não sejam os mensageiros da morte, mas da vida.” – esclarece Luis Ferron.

Para Luis Arrieta “a vida não tem contrário. A vida é una, eterna, infinita. Nela surfam nascimentos e mortes. Estes são contrários e mesmos. Nossa condição humana não nos permite a sua visão simultânea. Por isso percebemos apenas um, e outro intuímos.”

A temporada virtual ocorre de 2 a 11, sextas e sábados às 21h e domingos às 19h.

Assista em [youtube.com/corporastreado](https://www.youtube.com/c/corporastreado)

O espetáculo **O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu**, de Renata Carvalho, é uma mistura de monólogo e contação de histórias em um ritual que traz Jesus ao tempo presente, na pele de uma mulher transgênero.

Histórias bíblicas conhecidas são recontadas em uma perspectiva contemporânea, propondo uma reflexão sobre a opressão e intolerância sofridas por transgêneros e minorias em geral. A peça provoca reflexão ao expor estes problemas sociais ao mesmo tempo em que emite uma mensagem de amor, perdão e aceitação. A questão da identidade travesti é elemento chave do espetáculo, que busca a transformação do olhar diante de identidades marcadas pelo estigma e pela marginalização.

Histórias como *O Bom Samaritano*, *A Semente de Mostarda* e *A Mulher Adúltera* são apresentadas na

atualidade, e contextualizadas com a vivência cotidiana de mulheres como a atriz Renata Carvalho, travesti de 33 anos, que vive Jesus no espetáculo.

A peça faz parte do 2º Festival Sala de Giz de Teatro edição online e ocorre dia 8, sexta, às 22h.

Assista no canal do Youtube da Sala de Giz

Já para os pequenos o espetáculo **Terremota** acontece presencialmente no Sesc SP, dia 10, sábado, às 15h e depois segue com a temporada online nos dias 24, 25 e 26, às 11h e 17h no canal do Youtube da Cia. Bendita.

*Terremota* é a história de Maria, uma menina corajosa e esperta, que vive com o Tio Bigode e tem um gato chamado Platão. Passa grande parte do dia sozinha em casa e sua maior diversão é analisar o mundo pela janela. Um dia, indignada com o que vê, cheia de ideias e transbordando liberdade, Maria decreta autonomia e funda, na própria sala, uma nova ordem, a *República Terremota*.

A peça, com direção e texto inédito de Marcelo Romagnoli, busca inspiração em duas grandes personagens do universo infantil: *Mafalda*, a menina sagaz, política e profundamente humanista criada pelo cartunista argentino Quino, e *Pippi Meialonga*, a adorável garota inventada pela escritora sueca Astrid Lindgren, símbolo de independência e coragem.



Os irmãos Max e Emma Strebel

Foto: Divulgação

# VOZES DE UM TEMPO ÚNICO

Maria Hermínia Donato

*Podcast com depoimentos espontâneos compõe, dia após dia, uma história pessoal da pandemia do coronavírus pelo mundo*

É como abrir um diário perdido, só que em tempo real. Ou, talvez, espiar por uma fresta alguma cápsula do tempo, só que em dimensão paralela: o presente é o

tempo de ontem, que também é hoje e amanhã. São furtivas e surpreendentes visitas a um futuro que é parte passado, parte presente.



Esta é a sensação que se tem ao ouvir as vozes que, com honestidade absoluta, emprestam sua dose de realidade ao podcast *“What’s inside?”*, criado pelos irmãos Emma e Max Strebel – que reúne, em áudios gravados e enviados por email por pessoas comuns, marcas verdadeiras da história do nosso tempo pandêmico.

O convite dos irmãos é simples e complexo ao mesmo tempo: qualquer pessoa que quiser participar pode gravar um depoimento de até 15 minutos sobre sua experiência com a pandemia. Basta encontrar um local sossegado, registrar o áudio e enviar para o email [whatsinsidethepodcast@gmail.com](mailto:whatsinsidethepodcast@gmail.com).

Uma coleção de histórias anônimas, visões, desabafos e vivências compõe, assim, um panorama que não para de se renovar e de construir o registro de uma era. Entre um depoimento e outro, as vozes dos irmãos agradecem e incentivam: *“Obrigada por se juntar a nós. Eu sou Emma. E este é o What’s Inside.” “Mesmo a alguma distância, ainda podemos nos conectar. Eu sou Max.”*

Com frases acolhedoras como estas, pontuadas por música incidental minimalista que lembra vagamente a trilha do emblemático seriado *Downton Abbey*, as pessoas são recebidas num espaço virtual onde se sentem livres para relatar o que realmente sentem. E o ouvinte embarca numa viagem surpreendente por vidas e histórias que jamais imaginou conhecer.



Foto: Divulgação

## CONFISSÕES NO TEMPO-ESPAÇO VIRTUAL

Enquanto a jovem de menos de 30 anos se ocupou de sua tese de doutorado em Humanidades, ampliou sua experiência acadêmica online e definiu o processo como algo bem solitário, um rapaz da mesma faixa

etária passou pela Covid-19 em família. Cinco pessoas – ele, os pais, o irmão e a cunhada – testaram positivo em fases sucessivas e se recuperaram. Para sua surpresa, ele próprio foi quem teve mais sintomas, mesmo sendo o mais novo da família.

A garota que nasceu com fibrose cística e nunca foi tratada como doente ocupou seu tempo com as coisas que sentiu que podia fazer. Valorizou, em particular, conversas virtuais e profundas que teve com a mãe e com um ex-namorado – interações espontâneas e surpreendentes que trouxeram muitas coisas boas.

O jovem filho único percebeu a importância das pequenas coisas e dedicou-se a *hobbies* e projetos pessoais.

Uma garota descolada informou que teve de dispensar o republicano que estava namorando; outro rapaz comparou a pandemia ao filme “*O show de Truman*”, com Jim Carrey, em que cada dia se repetia igualzinho em todos os detalhes, mas ao mesmo tempo avaliou a quantidade de coisas que sucederam num só ano na sua vida e no mundo, sem deixar de registrar o volume de mortes pela Covid-19 nos EUA até então.

Outra jovem viveu um turbilhão: mudou-se para a casa do pai, teve um rompimento com a irmã, voltou para seu apartamento, começou um relacionamento amoroso de qualidade e manifesta sua esperança em tempos melhores. E outra pontuou, por fim, que o fato da gente achar que entende o que acontece ao nosso redor nos “imuniza” contra qualquer dificuldade é a maior ilusão; para ela, a perda do controle, de modo geral, foi algo definidor. E concluiu que existe beleza no fato de não ter certeza de nada – e, por isso mesmo, passou a confiar mais em si mesma.

### QUEM SÃO OS IRMÃOS

Emma Strebel é artista conceitual e trabalha com materiais que se transformam ao longo do tempo para

criar vídeos, instalações e eventos. Em seu trabalho diário na *White Light, Inc.*, de Jim Campbell, cria imagens para a *Salesforce Tower*, em São Francisco. Apesar de já ter trabalhado com áudio, o podcast “*What’s Inside*” é sua primeira experiência com áudio no formato documental.

Max Strebel é um profissional de mídia que trabalha basicamente com documentários e animação. Seu trabalho, em geral, trata de questões de justiça social e tem



sido apresentado sobretudo na Netflix e na HBO. Max tem sólida experiência em narrativas e construção de histórias, o que impulsionou seu interesse pelo universo do *podcasting*.

## ENTREVISTA COM OS AUTORES

Emma e Max Strebel criaram o podcast *“What’s Inside”* (o que está dentro) em maio de 2020 enquanto moravam com seus pais na Califórnia, durante no começo da pandemia. Quase um ano depois do lançamento, nossa entrevista via Zoom conectou Inglaterra, Síquia e Califórnia.

### Como e quando vocês começaram o projeto de criar um podcast ?

Estávamos com nossos pais, situação que nós quatro não vivenciávamos há muito tempo.

No começo da pandemia tudo era muito intenso, extraordinário, caótico todos os dias. A grande dificuldade era nos comunicarmos com os amigos, pois muitos viajaram e outros se isolaram. – Eu me desconectei dos amigos e Max da cultura do Zoom, algo inerente ao seu trabalho – diz Emma. – Mas tínhamos certeza de que o momento era histórico e que, em 10 anos seria lembrado pela memória coletiva. Mas os pequenos momentos importantes de cada pessoa seriam perdidos, se não fossem capturados – lembra Max.

– Não é preciso estar na linha de frente do combate à Covid-19, como médicos ou enfermeiros, nem ser pa-

ciente num hospital, para ter uma história – diz Emma. – Existem pequenas narrativas carregadas de emoções, humor e *nuances*, que também são história.

Segundo os irmãos, o *“What’s Inside”* cria um ambiente íntimo e privativo, onde as pessoas podem falar das suas experiências. – É importante escutar vozes autênticas deste momento sem precedentes, para alimentar os historiadores do futuro – diz Emma.

### O conteúdo do *“What’s Inside”* mudou desde o começo da pandemia até agora?

– No começo, a urgência era a dura realidade – ansiedade, perdas, pessoas desorientadas, sem saber como agir e como entender suas emoções – conta Max. – E títulos como *“A realidade, para mim, é um tubarão”*, ou *“Eu amo saber que tenho controle”*, *“Estou me segurando nos sonhos, neste momento”*, mostram isso. E a gente divulgava novos depoimentos diariamente.

Max enfatiza que agora é um novo capítulo que demanda um ajuste, com a saída do *“lockdown”*. – O perigo não é o mesmo, a vacina e os vários estudos sobre o vírus e seu comportamento nos permitem navegar numa realidade mais conhecida – diz.

– No começo estávamos processando o que tinha acontecido, a vida estava em desordem, confusa – explica Emma. – Depois de um ano estamos nos adaptando ao

DC, ou seja, “depois da Covid” – diz. – A pandemia permitiu que tentássemos algo novo – conta Max. – Não daqui a um ano, mas agora. Alguns dos títulos mais recentes – que divulgamos nos fins de semana – nos fazem sentir que o mundo mudou.

### **Vocês acham que o “What’s Inside” vai acabar um dia?**

– O podcast continua a ser muito importante, porque estamos processando as mudanças que a pandemia gerou. Escutando o outro, podemos entender melhor a nós mesmos – diz Max.

– Quando a pandemia global deixar de existir, o “What’s Inside” também vai acabar – remata Emma.

### **Como é feita a curadoria dos episódios?**

– Todos os depoimentos recebidos vão ao ar; os episódios são editados, para criar uma narrativa. Qualquer pessoa sensível ao momento delicado por que passamos pode participar – explica Emma. – Basta entrar em nosso site – [www.whatsinsidepodcast.com](http://www.whatsinsidepodcast.com) –, clicar em “Participar” e seguir as instruções.

Emma e Max querem aumentar o número de participações internacionais. É essencial, porém, que os depoimentos sejam gravados em inglês. – Temos alguns depoimentos de brasileiros – contam. – Recomendo que escutem e participem – diz Emma. Esses depoimentos serão importantes para preservar a memória da pandemia – reflete. – É como ver fotos de guerra feitas

por fotógrafos anônimos – que nos mostram, através do seu olhar, suas impressões daquele momento – compara.

### **Vocês fizeram algum outro projeto juntos?**

– Somos de uma família de artistas e designers, e o incentivo para gravar depoimentos partiu de nossa mãe – relata Max. – Ela sugeriu um projeto análogo à *Colcha da AIDS*, que o ativista gay Cleve Jones costurou, em 1985, com 48 mil painéis enviados por pessoas anônimas, em memória dos que morreram da doença ([AIDS.aidsmemorial.org](http://AIDS.aidsmemorial.org)).

– O “What’s Inside” é nossa maior colaboração até agora, mas sempre buscamos a opinião um do outro em nossos projetos individuais – conta Emma. – Temos um bom entendimento do potencial criativo de cada um.

### **Vocês vão fazer outro projeto?**

– Já estamos trabalhando num projeto sobre o meio ambiente, com o mesmo formato, de podcasts curtos – adianta Emma. – O objetivo é questionar o relacionamento pessoal de cada um com o meio ambiente. Como eu me relaciono com o meio ambiente? Quais são os meus compromissos para com ele? – diz.

– Para nós, a crise do meio ambiente é pior do que a pandemia. E quando entendermos o nosso comportamento individual, haverá mudanças – reflete Max.

## We would love to hear your story!

### 1. Find a quiet room

Make sure you won't be disturbed

### 2. Tell us a personal story or situation

Relate it to the times. Challenges? New joys? Long term impacts? Unusual encounters? Or anything else!

### 3. Record

Please do this alone and capture your train of thought for no longer than 15 min.

### 4. Send!

[whatsinsidethepodcast@gmail.com](mailto:whatsinsidethepodcast@gmail.com)



Designed by Freepik



# FORME SEUS APRENDIZES COM A COMBEMTU

## O QUÊ SUA EMPRESA PRECISA?

*O Programa Aprendiz auxilia na formação de jovens de acordo com as necessidades de sua empresa. Trata-se da possibilidade de inserção e permanência dos adolescentes no mercado de trabalho, tornando mais promissor o futuro da nova geração.*

*É respaldado na Lei 10.097/2000 e portaria nº 634/2018 do Ministério da Economia / Secretaria de Trabalho.*



Com o *Programa Aprendiz* da COMBEMTU todos ganham: os jovens – com formação técnico-profissional – e a sua empresa, com a garantia da diversidade de talentos.



[combemtuaprendiz@gmail.com](mailto:combemtuaprendiz@gmail.com)

Av. Patrício Lima, 2200 – Vila Esperança Tubarão/SC  
(48) 3628-0995 – (48) 99923-8379